

RESSONÂNCIAS DE FERNANDO PESSOA EM TEXTOS POÉTICOS DE MANOEL DE BARROS

Nery Nice Biancalana Reiner (UNISA-SP)

neryreiner@uol.com.br

Neste trabalho, nosso objetivo é discutirmos que nenhuma palavra é neutra, como explica Bakhtin (1992). Pelo contrário, é sempre perpassada pelos discursos que lhe antecedem no tempo. Durante toda sua vida, Bakhtin (1992) defendeu o conceito do dialogismo, segundo o qual, o discurso não se constrói sobre si mesmo, mas se estrutura em vista de outro. A obra literária é acima de tudo heterologia, pluralidade de vozes, reminiscência e antecipação dos discursos passados e futuros, cruzamento e ponto de encontro. Por isso, devemos aceitar o parentesco dos discursos, vindo em sua justaposição, não a da metalinguagem e da linguagem-objeto, mas o exemplo de uma forma discursiva mais familiar que é o diálogo. Desta maneira, estaremos à procura da verdade, ao invés de considerá-la como dada de antemão: ela é nosso horizonte último, nossa meta.

Um galo sozinho não tece uma manhã, afirma João Cabral de Melo Neto (1997), em seu poema intitulado “*Tecendo a manhã*.” Ele precisará sempre de outros cantos. Com o cruzamento dos diferentes fios de vozes é possível formar um mosaico de citações, usando a expressão de Julia Kristeva (1974). Portanto, todo texto é absorção e transformação de outro. E a intertextualidade não é mais que isso: o processo de incorporação de um texto em outro, ou reproduzindo o sentido incorporado, ou transformando-o.

Para Bakhtin (1992), a atividade mais específica e mais importante do crítico literário e do pesquisador em ciências humanas é a interpretação dialógica, a única que permite recobrar a liberdade humana.

Barros e Fiorin (2003) explicam que há três processos principais de intertextualidade: a citação, a alusão e a estilização.

1. citação: pode confirmar ou alterar o sentido do texto citado.

2. alusão: não são citadas todas as palavras (ou quase todas), mas reproduzem-se construções sintáticas, onde certas figuras são substituídas por outras.

3. estilização: reprodução de procedimentos do discurso de outrem, como por exemplo, a “Carta pras Icamiabas” em *Macunaíma* de Mário de Andrade, que usa um estilo à maneira de Rui Barbosa, de Coelho Neto.

A obra poética de Manoel de Barros também dialoga com outros autores. Seu livro *O Guardador de Águas* (1989) aponta, a partir do título, a influência de *O Guardador de Rebanhos* de Alberto Caeiro (1984), um dos heterônimos de Fernando Pessoa.

Alberto Caeiro diz, em um de seus poemas:

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar
(...)

E Manoel de Barros poderia dizer:

“Eu nunca guardei águas
Mas é como se as guardasse”
Minha alma é a de um pantaneiro,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.

Segundo seu criador, Fernando Pessoa (1888-1935), Alberto Caeiro da Silva, nasceu em 1889 e morreu, em 1915, em Lisboa, tuberculoso. Órfão de pai e mãe, vivia com uma tia, no campo. Só teve instrução primária, e por isso, escrevia mal o português. Poeta bucólico, vivia em contato com a natureza.

Manoel de Barros nasceu numa fazenda do pantanal mato-grossense, em 1916, viveu toda sua vida, em contato com a natureza e tem alma de pastor. Não é apenas pastor de bois, mas também das grandezas do ínfimo: formigas, rãs, lagartos, flores miúdas. Conhece o vento e o sol e vive a olhar, como Alberto Caeiro. E guarda águas. Águas. Águas. Terra, águas. Pássaros, águas. Ciscos, pregos, águas.

A parte intitulada *O Guardador de Águas* é formada por 15 poemas, numerados com algarismos romanos. *O Guardador de Rebanhos* de Alberto Caeiro é formado por 35 poemas, todos também numerados com algarismos romanos. Há, portanto, uma alusão à obra do poeta português, no título e na forma de numerar os poemas.

Vejam os o primeiro poema de *O Guardador de Águas* (1989):

I
 O aparelho inútil estava jogado no chão, quase
 coberto de limos –
 Entram coaxos por ele dentro.
 Crescem jacintos¹ sobre palavras.
 (O rio funciona atrás de um jacinto.)
 Correm águas agradecidas sobre latas...
 O som do novilúnio sobre as latas será plano.
 E o cheiro azul do escaravelho, tátil.
 De pulo em pulo um ente abeira as pedras.
 Tem um cago de ave no chapéu.
 Seria um idiota de estrada?
 Urubus se ajoelham pra ele.
 Luar tem gula de seus trapos.

O pastor olha o rio que corre atrás de um jacinto. Cuida do luar, de sapos, dos escaravelhos e até de um idiota de estrada. Sempre a olhar, como Alberto Caeiro.

Neste poema, duas características, presentes em quase todos os poemas analisados, aqui estão: a *Fanopeia*, isto é, um lance de imagens sobre a imaginação visual e a *Logopeia*, a dança do intelecto entre as palavras, segundo Ezra Pound (2001). Um aparelho inútil, quase totalmente coberto de limo, indicando a exposição do mesmo à umidade, à água e durante um longo período de tempo. Um aparelho esquecido. Uma “inutilidade” que serve para poesia, segundo o poeta. Rãs ou parentes ocupam o seu interior. Os jacintos crescem sobre palavras. Águas agradecidas correm. Há a presença de um escaravelho. Um ente aparece, aos pulos, beirando as pedras. O chapéu metonímico e a palavra idiota indicam a presença de um ser estranho: cago no chapéu, coberto de trapos. Só que urubus se ajoelham pra ele. Reve-

¹ Jacinto: erva da família das liliáceas afamada universalmente pela beleza das flores, dispostas em inflorescências maciças, com corola azul, branca ou rósea, muito perfumada.

reenciam um deus? O luar tem gula por seus trapos. O poeta é um ser diferente. Amado pelos pássaros, pelas flores, pelo luar e muitas vezes considerado um idiota porque consegue dizer o indizível e enxergar o invisível.

A *Logopeia* se faz presente pelas metáforas, personificações, como por exemplo: águas agradecidas; urubus se ajoelham; o luar tem gula de seus trapos. E também sinestesias como: ‘som de novi-lúnios’, ‘(o som) será plano’, ‘cheiro azul’, ‘cheiro azul tátil’. Isso tudo em um poema metalingüístico, onde jacintos crescem sobre palavras.

Os sentidos aparecem entre as sinestesias e imagens visuais:

- a) audição: coaxos
- b) visão: aparelho coberto de limo; jacintos; rio; águas; escaravelho; ente, cago de ave no chapéu; urubus; luar
- c) olfato: cheiro azul
- d) paladar: o luar tem gula por seus trapos
- e) tato: cheiro azul do escaravelho, tátil

Continuando nosso estudo sobre a influência de Alberto Caieiro sobre a criação poética de Manoel de Barros, analisaremos *O Guardador de Rebanhos* (1989):

IX
 Sou um guardador de rebanhos.
 O rebanho é os meus pensamentos
 E os meus pensamentos são todos sensações.
 Penso com os olhos e com os ouvidos
 E com as mãos e com os pés
 E com o nariz e a boca.
 Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
 E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
 Me sinto triste de gozá-lo tanto.
 E me deito ao comprido na erva,
 E fecho os olhos quentes,
 Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
 Sei a verdade e sou feliz.

Para Alberto Caeiro, o conhecimento da natureza e do mundo é obtido através dos sentidos. Seu pensamento é o conteúdo de suas sensações visuais, auditivas, táteis, olfativas e palatais. “*Meus pensamentos são todas sensações*”. Usar olhos, ouvidos, cheirar uma flor, comer um fruto.

“Penso com os olhos e com os ouvidos / com as mãos e com os pés / com o nariz e com a boca. /Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la. /Comer um fruto é saber-lhe o sentido”.

Para conhecer o mundo é necessário “deitar”, isto é, ter o corpo estendido na realidade.

Vejamos como Manoel de Barros ‘apalpa as intimidades do mundo’ em um poema da obra *Livro das Ignoranças*:

UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO

Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

Que o esplendor da manhã não se abre com

faca

O modo como as violetas preparam o dia

para morrer

Por que é que as borboletas de tarjas

vermelhas têm devoção por túmulos

Se o homem que toca de tarde sua existência

num fagote, tem salvação

Que um rio que flui entre 2 jacintos carrega

mais ternura que um rio que flui entre 2

lagartos

como pegar na voz de um peixe

qual o lado da noite que umedece primeiro.

etc.

etc.

etc.

Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios.

(BARROS, 1993)

Analisando o diálogo entre os textos dos dois poetas, notamos que Manoel de Barros também ressalta a necessidade do uso dos sentidos para conhecer o mundo, como Alberto Caeiro o fez, no poema anterior.

‘Apalpando’ as intimidades do mundo, ouvindo o som de um fagote, pegando na voz de um peixe, descobrindo qual o lado da noi-

te que umedece primeiro e desaprendendo 8 horas por dia, conheceremos a realidade.

Os sentidos aí estão:

- a) tato: “apalpar as intimidades do mundo”;
“qual o lado da noite que umedece primeiro”.
- b) visão: “esplendor da manhã”;
“violetas”;
“borboletas de tarjas vermelhas”;
“rio entre 2 jacintos”;
“rio entre 2 lagartos”;
“noite”.
- c) audição: voz de um peixe;
fagote

Em relação ao mundo vegetal, os versos “ um rio que flui entre 2 jacintos carrega / mais ternura que um rio que flui entre 2 / lagartos”, valorizam o vegetal, em detrimento do animal, aliás, muito querido do autor, o lagarto.

O vegetal, também, está presente no verso “as violetas prepararam o dia para morrer”. Por que as violetas? O entardecer, anunciando a chegada da noite, o fim de um ciclo vida/morte, provoca na alma humana tristeza, nostalgia. O fim do dia, significando o fim da vida, só poderia ser representado pela cor roxa das violetas. Camões, em *Os lusíadas*, canto IX, já dizia ser o roxo a cor daqueles que amam, que sofrem.

Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas (violetas) da cor dos amadores.

No poema analisado, vimos que Manoel de Barros afirma que “Para apalpar as intimidades do mundo é preciso desaprender 8 horas por dia.

Alberto Caeiro, no poema XXIV de *O Guardador de Rebanhos*, (1984) diz:

XXIV
(fragmento)

O essencial é saber ver,
 Saber ver sem estar a pensar,
 Saber ver quando se vê,
 E nem pensar quando se vê
 Nem ver quando se pensa
 Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
 Isso exige um estudo profundo,
 Uma aprendizagem de desaprender
 E uma sequestração na liberdade daquele convento
 De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
 E as flores as penitentes convictas de um só dia,
 Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
 Nem flores senão flores,
 Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

A atitude correta seria “saber ver” e “saber ver sem estar a pensar”, procurando negar a existência de qualquer sentido profundo nos elementos da natureza. Porém, isso não é simples e nem fácil de fazer. Teremos que aprender a desaprender. Esse é um processo, onde nossa alma vai, aos poucos, se despindo de todo preconceito, dos traços racionalizadores, intelectualizantes e ver nas flores e estrelas, somente, estrelas e flores. Nossa alma é “vestida”, isto é, modelada pelos conceitos e preconceitos da sociedade, segundo Pessoa.

A liberdade da alma está presa, como freiras num convento. Temos que confiscar nossa liberdade para poder ver as coisas como elas são.

Sim, porque “para apalpar as intimidades do mundo, saber que o esplendor da manhã não se abre com faca, saber como pegar na voz de um peixe” é necessário aprender a “desaprender” 8 horas por dia, repetindo Manoel de Barros.

O dialogismo existente entre os textos poéticos analisados de Alberto Caeiro e Manoel de Barros aponta para um conceito extremamente importante e ardorosamente defendido por ambos: a necessidade de “aprender a desaprender”. Para conhecer o mundo, além do uso de todos os sentidos, dizem os dois poetas, é necessário aprender a desaprender 8 horas por dia.

Assim, pode-se dizer que *nO Guardador de Águas* ouve-se a voz de Caeiro e *nO Guardador de Rebanhos*, que os textos dialogam, atravessam-se, entrelaçam-se, e o leitor atento reconhecerá essa pluralidade tornando sua leitura múltipla e descentralizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARROS, Diana; FIORIM, José L. “Polifonia textual e discursiva”. *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

BARROS, Manoel. *O livro das ignoranças*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

_____. *O guardador de Águas*. São Paulo: Art, 1989.

CAEIRO, Alberto. *Poemas*. 8. ed. Lisboa: Ática, 1984.

CAMÕES, Luiz Vaz de. *Os lusíadas*. 11. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Ediouro, s/d.

KRISTEVA, Júlia. *Introdução à semánlise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MELO NETO, João Cabral. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Trad. Augusto de Campos; José P. Paes. São Paulo: Cultrix, 2001.